



Comitê Histórico:

“Julgamento de Adolf Otto Eichmann”

Sumário

JULGAMENTO DE EICHMANN	3
Carta aos alunos.....	4
O Julgamento.....	5
Tema.....	6
Participantes	9
Adolf Otto Eichmann	9
ACUSAÇÃO :	11
Gideon Hausner e dois assistentes.....	11
Avraham Aviel (Lipkunsky).....	13
Yehiel Dinur K. Zetnik.....	14
Robert Servatius e dois assistentes	15
Heinrich Grüber.....	16
Theodor Horst Grell	17
Avner Less.....	18
Agente da Aliyah Beth	18
Peter Zvi Malkin.....	19
Hannah Arendt	20
Indicação para leitura e para filme	22

JULGAMENTO DE EICHMANN

E-mail do Comitê: “comitehistorico2018@gmail.com”

“Tema”: “julgamento de Otto Adolf Eichmann em suas 15 acusações ”

Guia de Estudos

CJONU 2018

Corte Suprema:

Gabriela Cardoso;

Gabriel Manfio;

Raquel Rodrigues.

Carta aos alunos

Excelentíssimos Participantes do comitê histórico,

É com grande satisfação que desejamos boas-vindas a todos os participantes das atividades nessa simulação da ONU promovida pelo Colégio Crescer de Jundiaí denominada CJONU 2018.

O tema que lhes foi designado propõe um debate diferente, e que jamais vimos em nossa CJONU. E para que isso possa ocorrer veemente a necessidade de um ambiente plural e de respeito mútuo entre todos os participantes, destacando que somente assim será possível chegar a uma resolução para os problemas debatidos e dessa maneira formular a decisão para o destinado réu.

Desejamos a todos uma ótima e excelentíssima simulação!

Atenciosamente,

Gabriela Cardoso;

Gabriel Manfio;

Raquel Rodrigues.

O Julgamento

Em 11 de abril de 1961 iniciou-se em Jerusalém o julgamento de Adolf Eichmann, responsável pela deportação de centenas de milhares de judeus para campos de concentração.

Desta forma iremos realizar a releitura do julgamento, serão necessários advogados, testemunhas e provas para que possamos chegar em uma conclusão sobre o réu.

O julgamento do chefe da Seção de Assuntos Judeus no Departamento de Segurança de Hitler foi o segundo maior julgamento de nazistas depois do processo de Nurembergue, que aconteceu logo após a Segunda Guerra Mundial. A condenação de Eichmann foi baseada no depoimento de inúmeras testemunhas, provas e protocolo da polícia israelense.

"As irregularidades e anormalidades do julgamento de Jerusalém foram tantas, tão variadas e de tal complexidade legal que, no decorrer dos trabalhos e depois na quantidade surpreendentemente pequena de literatura sobre o julgamento, chegaram a obscurecer os grandes problemas morais, políticos e mesmo legais que o julgamento inevitavelmente propunha. (...) As objeções levantadas contra o julgamento de Eichmann eram de três tipos. Primeiro, as objeções levantadas contra os julgamentos de Nuremberg, que agora se repetiam: Eichmann estava sendo julgado por uma lei retroativa e era trazido à corte dos vitoriosos. Segundo, as objeções que se aplicavam apenas à corte de Jerusalém, na medida em que questionavam sua competência enquanto tal ou sua incapacidade de levar em conta o ato do rapto. E, finalmente, e mais importante, objeções à própria acusação, que afirmava que Eichmann cometeu crimes "contra o povo judeu", em vez de dizer "contra a humanidade" e, portanto à lei sob a qual estava sendo julgado; e essa objeção levou a conclusão lógica de que a única corte adequada para julgar esses crimes seria um tribunal internacional".¹

Na releitura iremos ter: uma corte formada por três juízes; três advogados de defesa, sendo dois assistentes assim como nos advogados de acusação; seis testemunhas divididas defesa e acusação; um réu; e uma representante da imprensa do jornal The New Yorker.



¹ (pg 275-276)

Tema

“A principal característica do totalitarismo é a de desumanizar, transformar homens em números, em meras engrenagens substituíveis se não renderem o que se espera deles, sejam vítimas ou algozes”, escreve Cristiane Arendt Santos Alves.

O prédio do tribunal em Jerusalém parecia uma fortaleza. Centenas de policiais controlavam as saídas. Especialmente para os 500 jornalistas que faziam a cobertura do julgamento, foi montada uma sala com telégrafos e telefones. Protegido por vidros blindados, o réu insistiu o tempo todo em sua inocência.

“Durante dois dias, divididos em cinco sessões, os três juízes leram o relatório das 244 sessões do julgamento. Desprezando a acusação de “conspiração” encaminhada pela promotoria, que o transformaria num “grande criminoso de guerra” automaticamente responsável por tudo que tivesse a ver com a Solução Final, eles condenaram Eichmann em todas as quinze acusações, embora fosse absolvido em alguns particulares. “Junto com outros”, ele havia cometido crimes “contra o povo judeu”, isto é, crimes contra judeus com a intenção de destruir as pessoas, divididos em quatro acusações: 1. “provocar o assassinato de milhões de judeus”; 2. levar “milhões de judeus a condições que poderiam levar à destruição física”; 3. “causar sérios danos físicos e mentais” a eles; e 4. “determinar que fossem proibidos os nascimentos e interrompidas as gestações de mulheres judias” em Theresienstadt. Mas absolveram-no de todas essas acusações referentes ao período anterior a agosto de 1942, quando ele foi informado da ordem do Führer; em suas primeiras atividades, em Berlim, Viena e Praga, ele não teve intenção de “destruir o povo judeu”. Esses eram os quatro primeiros itens da acusação. Os Itens de 5 a 12 tratavam de “crimes contra a humanidade” — um estranho conceito da lei israelense, na medida em que incluía tanto o genocídio se praticado contra povos não judeus (como os ciganos e os poloneses) como todos os outros crimes, inclusive assassinato, cometido fosse contra judeus ou não-judeus, contanto que esses crimes não fossem cometidos com intenção de destruir um povo como um todo. Daí tudo o que Eichmann fez antes da ordem do Führer e todos os seus atos contra não-judeus serem englobados como crimes contra a humanidade, aos quais foram acrescentados mais uma vez todos os seus crimes posteriores contra os judeus, uma vez que estes eram crimes comuns também. O resultado era que o Item 5 o condenava pelos mesmos crimes enumerados nos Itens 1 e 2, e o Item 6 o condenava por ter “perseguido judeus por motivos raciais, religiosos e políticos”, o Item 7 tratava da “pilhagem de propriedade [...] ligada ao assassinato [...] desses judeus”, e o Item 8 resumia todos esses feitos novamente como “crimes de guerra”, uma vez que a maioria deles foi cometida durante a guerra. Os Itens de 9 a 12 tratavam de crimes contra não-judeus; o Item 9 o condenava pela “expulsão de suas casas de [...] centenas de milhares de poloneses”, o Item 10 pela “expulsão de 1400 eslovenos” da Iugoslávia, o Item 11 pela deportação de “milhares e milhares de ciganos” para Auschwitz.”

Ele insistia que apenas cumpriu ordens e jamais preocupou-se em questioná-las. Apenas um exemplo: em março de 1944, Eichmann foi mandado à Hungria, onde organizou a deportação de

800 mil judeus. Em menos de dois meses, 147 trens levaram 434 mil pessoas para as câmaras de gás de Auschwitz sem comando de nenhum superior do Reich.

Da mesma forma como colaborou com o regime nazista, ele cooperou com a polícia e a Justiça de Israel, mas nunca demonstrou qualquer forma de arrependimento. Como na frase “Eu vou dançar no meu túmulo, rindo, porque a morte de 5 milhões de judeus [ou “inimigos do Reich” conforme ele sempre afirmou ter dito] na consciência me dá enorme satisfação” mostrou a dualidade expressa por tal, como também teoricamente os judeus queriam emigrar e Eichmann estava pronto para suprir esse desejo, que era um desejo compartilhado por ambas as partes desta forma podendo então “fazer justiça de ambas as partes”.

A partir de sua escrivania, havia coordenado a perseguição, o sequestro e a deportação de milhares de judeus, marcados para morrer nos campos de concentração. Eichmann conhecia o destino dos prisioneiros. Assistiu às execuções em massa a tiros e nas câmaras de gás, chegando a considerá-las "desumanas", não para as vítimas, e sim para os carrascos.

Em 1960, o serviço secreto israelense Mossad encontrou Eichmann e o sequestrou. Depois de passar 11 dias amarrado a uma cama, foi obrigado a assinar um documento em que aceitou seu julgamento num tribunal israelense.

O Mossad teve sorte, pois talvez não tivesse conseguido retirar o prisioneiro clandestinamente da Argentina, caso a esposa de Eichmann tivesse registrado queixa na polícia em Buenos Aires. Para isso, ela teria que revelar a verdadeira identidade da família. O que, por outro lado, poderia ter poupado à vida de Eichmann, se fosse julgado por seus crimes nazistas na Alemanha, onde não existe pena de morte.

Foi acusado de 12 crimes, que demonstravam claramente que sua maior culpa era a de ter sido obediente aos seus superiores, obediência esta louvada como virtude. Segundo a defesa, só os verdadeiros líderes mereciam punição, coisa que Eichmann não era com sua “obediência cadavérica”. Apesar disso, em 15 de dezembro de 1961, a Corte Distrital pronunciou sua sentença de morte. Em março de 1962, iniciam-se os trabalhos na Corte de Apelação, ainda mais visceral que a Corte Distrital, aceitando todas as alegações de que Eichmann nunca receberá ordens superiores. Todas as ordens tomadas provinham de seu julgamento pessoal quanto às questões judaicas. E, em 29 de maio, a Corte de apelação também pronuncia sua sentença: a pena capital. No mesmo dia o presidente de Israel, Itzak Ben-Zvi, recebe seu pedido de clemência, que é negado. Então, pouco antes da meia-noite, do dia 31 de maio, foi enforcado, cremado e suas cinzas jogadas no Mediterrâneo, fora das águas israelenses.

Enquanto aguardava o julgamento, Eichmann escreveu suas memórias, nas quais insiste em sua condição de mero cumpridor de ordens superiores durante a Segunda Guerra Mundial.

- <http://www.dw.com/pt-br/1961-julgamento-de-adolf-eichmann/a-785685>
- http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?rcon_id=57

- <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/543849-a-problematizacao-do-mal-no-julgamento-de-eichmann-segundo-hannah-arendt>



Participantes

Adolf Otto Eichmann

Adolf Otto Eichmann: (19 de março de 1906 — 1 de junho de 1962) foi um político da Alemanha Nazi e tenente-coronel da SS. Foi o grande responsável pela logística de extermínio de milhões de pessoas durante o Holocausto, em particular dos judeus, que foi chamada de "solução final", organizando a identificação e o transporte de pessoas para os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido frequentemente como o *executor-chefe* do Terceiro Reich.



“Ele nascera em 19 de março de 1906, em Solingen, uma cidade alemã às margens do Reno, famosa por suas facas, tesouras e instrumentos cirúrgicos. Quarenta e quatro anos depois, entregue a seu passatempo favorito de escrever suas memórias, descreveu esse memorável evento da seguinte maneira: “Hoje, quinze anos e um dia depois de 8 de maio de 1945, começo a conduzir meus pensamentos de volta àquele 19 de março do ano de 1906, quando, às cinco horas da manhã, entrei para a vida na Terra sob o aspecto de um ser humano”. (O manuscrito não foi liberado pelas autoridades israelenses. Harry Mulisch conseguiu estudar essa autobiografia “durante meia hora”, e o semanário judeu-alemão Der Aufbau conseguiu publicar excertos curtos dele.) Segundo suas crenças religiosas, que não haviam mudado desde o período nazista (em Jerusalém, Eichmann declarou-se um Gottgläubiger, termo nazista usado para aqueles que haviam rompido com o cristianismo, e recusouse a jurar sobre a Bíblia), esse acontecimento devia ser atribuído a um “Portador de Sentido superior”, uma entidade de certa forma identificada com o “movimento do universo”, à qual a vida humana, em si isenta de “sentido superior”, deveria estar sujeita. (A terminologia é bastante sugestiva. Chamar Deus de Höher Sinnesträger significa, lingüisticamente, dar a ele um posto na hierarquia militar, uma vez que os nazistas haviam transformado o “recebedor de ordens”, o Befehlsträger, num “portador de ordens”, um Befelsträger, indicando assim, como no antigo termo “portador de más notícias”, a carga de responsabilidade e de importância que devia pesar sobre aqueles que executavam ordens. Além disso, Eichmann, como todo mundo ligado à Solução Final, também era oficialmente um “portador de segredos”, um Geheimnisträger, coisa que em termos de vaidade não era de se desprezar.) Mas Eichmann, não muito interessado em metafísica, silenciou sobre a existência de alguma relação mais íntima entre o Portador de Sentido e o portador de ordens e prosseguiu, considerando uma outra causa possível de sua existência, seus pais: “Eles não teriam se enchido de alegria com a chegada de seu primogênito se fossem capazes de ver que, na hora do meu nascimento, para provocar o gênio da felicidade, o gênio da infelicidade já estava tecendo os fios de dor e tristeza em minha vida. Porém um véu suave e impenetrável impedia meus pais de enxergar o futuro”[...]”²

“Eichmann “convidou” os funcionários judeus de Berlim para inspecioná-la. Eles ficaram horrorizados: “Isto é como uma fábrica automática, como um moinho de farinha ligado a uma

² (pg 37-41)

padaria. Numa ponta você põe um judeu que ainda tem alguma propriedade, uma fábrica, uma loja, uma conta no banco, depois ele atravessa o edifício de balcão em balcão, de sala em sala, e sai na outra ponta sem dinheiro, sem direitos, apenas com um passaporte onde se lê: ‘Você deve deixar o país dentro de quinze dias. Senão, irá para um campo de concentração’”. [...]”³

“Hoje em dia, nenhum homem, nenhum juiz poderia me convencer a fazer uma declaração sob juramento, a declarar alguma coisa sob juramento como testemunha. Eu recuso, eu recuso por razões morais. Como minha experiência me diz que, ao ser leal a seu juramento, o sujeito um dia terá de pagar as consequências, decidi definitivamente que nenhum juiz no mundo, nem nenhuma outra autoridade nunca será capaz de me fazer jurar, ou prestar testemunho sob juramento. Não farei uma coisa dessas voluntariamente e ninguém conseguirá me forçar”.⁴

“O homem que Heydrich encarregou das negociações foi Adolf Eichmann, que posteriormente se tornaria famoso por seu papel no extermínio dos judeus da Europa no período da guerra, como assessor especial de Heydrich para assuntos uduicos. Nascido em Solingen, em 1906, numa família de classe média, ele havia passado a juventude na Áustria após a família ter se mudado para Linz no ano anterior à deflagração da Primeira Guerra Mundial. Depois de terminar o secundário, Eichmann trabalhou como representante de vendas de uma companhia de petróleo durante os agitados anos 1920. Desde os dias do colégio, fora um ardoroso partidário do pangermanismo e entrou em contato com outros nacionalistas de direita, mais especialmente os Kaltenbrunner, cujo filho, Ernst, uturo sucessor de Heydrich como chefe do Escritório Central de Segurança do Reich em 1942, era colega de turma de Eichmann. Eichmann entrou no Partido Nazista austríaco em 1932 e na SS pouco depois. Após perder o emprego durante a Depressão, mudou-se para a Alemanha em agosto de 1933 e ingressou no SD de Heydrich como funcionário subalterno para reunir informação sobre maçons na Alemanha. Seus talentos organizacionais, energia implacável e eficiência asseguraram uma rápida promoção pelas fileiras. Em 1936, ainda no início da faixa dos 30, Eichmann estava trabalhando no departamento que tratava dos judeus do SD, onde se tornou um "perito" autodidata em assuntos judaicos, escrevendo relatórios informativos sobre sionismo e emigração que refletiam o compromisso do departamento com o antissemitismo "racional", que correspondia às convicções do próprio Heydrich”.

- <https://books.google.com.br/books?id=0RaHAAAQBAJ&pg=PT153&lpg=PT153&dq=sd+departamento+de+eichmann&source=bl&ots=7J44Cwnmjt&sig=twRQyOPq1dWiVEa58fPvHPxLD6w&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwif0qKZ-PXYAhXJUZAkHS1ZAxIQ6AEIMTAB#v=onepage&q=sd%20departamento%20de%20eichmann&f=false>
- http://wiki.answers.com/en/Adolf_Eichmann

³ (pg 58-59)

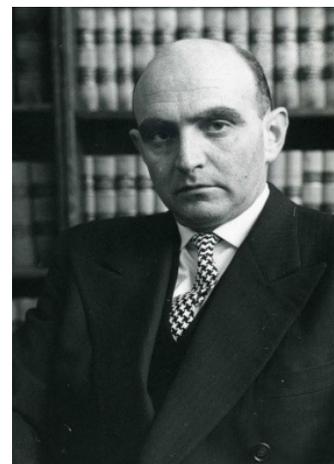
⁴ (pg 67-68)

ACUSAÇÃO :

Gideon Hausner e dois assistentes

Gideon Hausner(26 de setembro de 1915 - 15 de novembro de 1990) era um jurista e político israelense . Entre 1960 e 1963, serviu como procurador-geral , e depois foi eleito para o Knesset e serviu no gabinete.

Nesse julgamento Hausner convocou 2 assistentes para a acusação no caso de Eichmann. Os advogados de acusação devem juntar provas, documentos e testemunhas que comprovem alguma responsabilidade específica de Eichmann sobre seus atos julgados, visto que ele cometera crimes contra o povo judeu, crimes contra a humanidade e crimes de guerra, durante todo o período do regime nazista e principalmente durante o período da Segunda Guerra Mundial.



Em sua infância, Hausner imigrou para a Palestina com sua família em 1927, quando tinha 12 anos e Adolf Hitler estava a seis anos de chegar ao poder na Alemanha. Assim, o futuro promotor foi fisicamente removido do Holocausto à medida que se desenrolava, mas ele estava longe de se isolar emocionalmente.

Mais conhecido por dirigir a equipe de promotores no julgamento de crimes de guerra de Adolf Eichmann em Jerusalém em 1961. Hausner geralmente é creditado com a exposição do Holocausto ao mundo em negrito contra-interrogatório de Eichmann, mas foi criticado por showmanship. Sua habilidade judicial também estabeleceu o precedente de que a defesa "eu estava apenas seguindo ordens" não é válida se tais ordens forem totalmente criminosas e ilegais. A promotoria conseguiu provar a culpa de Eichmann, e Eichmann foi declarado culpado de todas as acusações, incluindo crimes contra a humanidade e crimes contra o povo judeu. Ele foi sentenciado à morte.

“Evidentemente, este tribunal não é um mau lugar para o espetáculo que David Ben-Gurion, primeiro-ministro de Israel, tinha em mente quando resolveu mandar raptar Eichmann na Argentina e trazê-lo à Corte Distrital de Jerusalém para ser julgado por seu papel na questão da “solução final dos judeus”. E Ben-Gurion, adequadamente chamado de “arquiteto do Estado”, é o diretor de cena do processo. Não comparece a nenhuma sessão; no tribunal, fala pela voz de Gideon Hausner, o procurador-geral que, representante do governo, faz o que pode para obedecer a seu senhor. E se, felizmente, seus esforços nem sempre atingem o objetivo é porque o julgamento está sendo presidido por alguém que serve à Justiça com a mesma fidelidade com que o sr. Hausner serve ao Estado de Israel. A justiça exige que o acusado seja processado, defendido e julgado, e que fiquem em suspenso todas as questões aparentemente mais importantes — “Como pôde acontecer uma coisa dessas?” e “Por que aconteceu?”, “Por que os judeus?” e “Por que os alemães?”, “Qual o papel das outras nações?” e “Até que ponto vai a responsabilidade dos Aliados?”, “Como puderam os judeus, por meio de seus líderes, colaborar com sua própria destruição?” e “Por que marcharam para a morte como carneiros para o matadouro?”. A justiça insiste na importância de Adolf Eichmann, filho de Karl Adolf Eichmann, aquele homem dentro da cabine de vidro construída para

sua proteção: altura mediana, magro, meia-idade, quase calvo, dentes tortos e olhos míopes, que ao longo de todo o julgamento fica esticando o pescoço para olhar o banco de testemunhas (sem olhar nem uma vez para a platéia), que tenta desesperadamente, e quase sempre consegue, manter o autocontrole, apesar do tique nervoso que lhe retorce a boca provavelmente desde muito antes do começo deste julgamento. Em juízo estão os seus feitos, não o sofrimento dos judeus, nem o povo alemão, nem a humanidade, nem mesmo o anti-semitismo e o racismo.”⁵

“a acusação tentou provar que Eichmann, pelo menos uma vez, matara com as próprias mãos (um menino judeu na Hungria)”⁶

“a acusação deixava implícito que ele não só agira conscientemente, coisa que ele não negava, como também agira por motivos baixos e plenamente consciente de natureza criminosa de seus feitos”⁷

“Quanto mais se ouvia Eichmann, mais óbvio ficava que sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de pensar, ou seja, de pensar do ponto de vista de outra pessoa”⁸

“O promotor, que o interrogou depois a respeito do mesmo incidente, tentou provar que o próprio Eichmann havia determinado o destino final de todos os carregamentos e, portanto, havia decidido se uma determinada carga seria exterminada ou não”⁹

“A acusação, embora não pudesse provar que Eichmann houvesse se beneficiado financeiramente de sua função, enfatizou acertadamente o seu alto padrão de vida em Budapeste, onde pôde ficar hospedado num dos melhores hotéis, era conduzido por um chofer num carro anfíbio, presente inesquecível de seu futuro inimigo Kurt Becher, participava de caçadas e passeios a cavalo, e gozava todo tipo de luxos antes desconhecidos sob a tutela de seus novos amigos no governo húngaro”¹⁰

- <http://www.nytimes.com/1990/11/17/obituaries/gideon-hausner-75-dies-in-israel-headed-prosecution-of-eichmann.html>

⁵ (pg 15-16)

⁶ (pag 34)

⁷ (pag 36)

⁸ (pag 62)

⁹ (pag 110)

¹⁰ (pag 218)

Avraham Aviel (Lipkunsky)

Avraham Aviel (Lipkunsky): Foi uma testemunha de acusação no caso de Eichmann. Nasceu em 1929 na aldeia Dowgalishok, então Polônia. Quando tinha 13 anos, em 1942, foi levado, com parte da família, para a vala comum no cemitério judaico de Radun. A mãe e o irmão, Yekutiel, foram assassinados ali, mas Avraham conseguiu escapar junto com o irmão mais velho, Pinchas, que foi morto posteriormente, diante de seus olhos. Na primavera de 1943, Avraham juntouse aos partisanos (movimento de resistência).

Depois da Libertação, tendo perdido toda a família, embarcou com destino à Terra de Israel, mas o navio foi apreendido pelos ingleses e os passageiros, enviados a Chipre. Avraham imigrou a Israel em 1946, e dois anos depois se alistou no Palmach. Foi testemunha no julgamento de Eichmann, e em seu depoimento relatou a aniquilação dos judeus da região de Radun, pondo em foco a história trágica dos judeus de Belarus. Avraham casou-se com Ayalá Liberman, e o casal tem três filhos e nove netos. Produção da Escola Internacional para o Estudo do Holocausto, Yad Vashem e do Centro de Multimídia da Universidade Hebraica de Jerusalém. Com o generoso apoio da Adelson Family Foundation, da ICHEIC Humanitarian Fund e da Claims Conference.



<http://secure.yadvashem.org/store/PrintProductDetails.asp?ProductId=741&Action=2Print&Title=O%20que%20ama%20a%20vida%20-%20A%20hist%26%23243%3Bria%20de%20Avraham%20Aviel>

Yehiel Dinur K. Zetnik

Yehiel Dinur K. Zetnik : foi uma testemunha de acusação. Um sobrevivente de Auschwitz, foi um dos primeiros autores israelenses a escrever sobre o Holocausto. Toda uma geração de israelenses aprendeu sobre o Holocausto principalmente através de seus livros: "Salamandra" (1946); "House of Dolls" (1953); "O Relógio: Histórias do Holocausto" (1960); "Piepel" (1961); "Star of Hehes" (1966); e "Phoenix sobre a Galiléia" (1966).



Seus livros continham descrições detalhadas dos horrores de Auschwitz, incluindo tortura, canibalismo e abuso sexual de crianças. Mas ele teve a tendência de descrever os horrores do nazismo como se tivessem ocorrido "em outro planeta", de modo que, de certo modo, absolvesse a humanidade de responsabilidade.

Dinur apareceu como uma testemunha da acusação no julgamento de Adolf Eichmann em 1961. Ao descrever seus dois anos em Auschwitz, ele disse: "O tempo lá é diferente do que aqui, na face da terra ... Os moradores desse planeta não tinham pais nem filhos. Eles não se vestiam enquanto nos vestimos aqui. Eles não nasceram lá e não deram à luz. Eles respiraram de acordo com diferentes leis da natureza. Eles não viveram de acordo com as leis do mundo aqui, e eles não morreram. Seu nome era um número ... "

A revelação de sua identidade durante o julgamento de Eichmann aparentemente o colocou sob grande estresse. Em um ponto, falando sobre os outros prisioneiros em Auschwitz, ele disse: "Eles se afastaram de mim, eles sempre se afastaram de mim e sempre me deixaram para trás ... Eu os vejo, eles estão olhando para mim, eu os vejo ... "Quando o juiz Moshe Landau tentou interrompê-lo e levá-lo a responder às perguntas do promotor, Dinur de repente desmoronou, desmaiando, no que hoje é lembrado como um dos momentos mais dramáticos do julgamento.

- <https://www.haaretz.com/1.5342330>

DEFESA:

Robert Servatius e dois assistentes

Robert Servatius: Nos julgamentos de Nuremberg, ele serviu como advogado de defesa criminal . Os casos notáveis que ele argumentou incluíram a defesa de Fritz Sauckel , Karl Brandt e Paul Pleiger em Nuremberg e de Adolf Eichmann em Jerusalém.

A defesa tem a função de encontrar argumentos, testemunhas e provas que comprove que Eichmann não era o dono de suas próprias ações, e portanto não deveria ser condenado

Vários advogados ofereceram para comparecer para sua defesa, e Eichmann escolheu Servatius. Como resultado, a lei israelense teve que ser alterada para permitir isso, já que até então os advogados estrangeiros não tinham direito de audiência nos tribunais israelenses. Embora contratado por Eichmann, Servatius foi pago pelo governo israelense, seguindo um precedente estabelecido em Nuremberg.



“A acusação e os juízes concordavam que Eichmann havia sofrido uma genuína e definitiva alteração de personalidade ao ser promovido para um posto com poderes executivos” ¹¹

“Mas Eichmann, como tentou vaidosamente explicar em Jerusalém, nunca pertenceu aos altos círculos do Partido; ele nunca ficava sabendo nada além do necessário para realizar um trabalho específico, limitado” ¹²

“poderia ele ser livrado de responsabilidade criminal, conforme previa a Seção 10 da lei sob a qual foi julgado, porque tinha cometido seus atos “a fim de salvar a si próprio do perigo da morte imediata?”

“seus atos eram os de um cidadão respeitador das leis. Ele cumpria o seu dever, como repetiu insistentemente à polícia e à corte; ele não só obedecia ordens, ele também obedecia à lei.” ¹³

“ele nunca tinha nutrido ódio aos judeus, e nunca desejou a morte de seres humanos. Sua culpa provinha de sua obediência, e a obediência é louvada como virtude. Sua virtude tinha sido abusada pelos líderes nazistas. Mas ele não era membro do grupo dominante, ele era uma vítima, e só os líderes mereciam punição.” ¹⁴

¹¹ (pag 78)

¹² (pag 99)

¹³ (Pag 152)

¹⁴ (Pag 269)

“insistiu veementemente que era culpado apenas de “ajudar e instigar” a realização dos crimes de que era acusado, que ele próprio nunca havia cometido nenhum ato aberto”¹⁵

“pela primeira e última vez tomava uma iniciativa contrária às ordens: em vez de mandar essa gente para território russo, Riga ou Minsk, onde os judeus teriam sido fuzilados imediatamente pelos Einsatzgruppen, ele dirigiu o transporte para o gueto de Lódz, onde sabia que ainda não havia sido feita nenhuma preparação para o extermínio”¹⁶

- https://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Servatius

<https://www.jta.org/1961/05/03/archive/eichmanns-lawyer-summons-nazis-as-witnesses-israel-refuses-immunity/amp>

Heinrich Grüber

Heinrich Grüber (24 de junho de 1891 - 29 de novembro de 1975) foi um teólogo reformado, oponente do nazismo e pacifista.

Heinrich Grüber tornou-se pastor em Berlim contra a ilusão racial do regime nazista e arriscou com sua ajuda ativa para os judeus perseguidos sua própria vida. Após a guerra, ele se entendia como um construtor de pontes entre o Oriente e o Ocidente.

Heinrich Karl Ernst Grüber como o filho mais velho do professor dr. Ernst Grüber e sua esposa Alwine Cleven nasceram em Stolberg. Sua mãe veio de Limburgo e deu o filho no início do conhecimento da língua e da cultura holandesas. Da mesma forma, a criança aprendeu francês sob a influência de seu pai, que cresceu na França. Se alguém acrescenta que ele passou sua juventude no triângulo da região em torno de Aachen e era principalmente o único aluno protestante na classe, então a compreensão aberta do teólogo posterior Grüber para as preocupações ecumênicas torna-se compreensível.

As áreas de trabalho do "Office Pastor Grüber" na Oranienburger Straße incluíram o aconselhamento de emigração, incluindo preparação e execução (especialmente a emigração de crianças), a colocação no exterior, o trabalho de assistência social e o conselho jurídico. O escritório adquiriu o visto de saída urgentemente necessário através de contatos ecumênicos certa interação com as autoridades nazistas, que no início ainda estavam interessadas na emigração forçada judaica, foi seguida por uma visita de Grüber no artigo de Adolf Eichmann. No total, até a dissolução do escritório em dezembro de 1940, a emigração de 1.700 ser organizado e 2.000 judeus.

“O pastor Grüber e seu grupo de clérigos protestantes intervieram primeiro “em favor de pessoas que foram feridas na Primeira Guerra Mundial e daqueles que receberam altas condecorações militares; em favor dos velhos e das viúvas dos que morreram na Primeira Guerra Mundial”. Essas categorias correspondiam àquelas que tinham sido originalmente isentadas pelos próprios nazistas. Agora, Grüber era informado que o que estava fazendo “contrariava a política do governo”, mas nada sério aconteceu com ele. Porém logo depois disso, o pastor Grüber fez algo realmente extraordinário: tentou chegar ao campo de concentração de Gurs, no Sul da França, onde



¹⁵ (pag 268)

¹⁶ (pag 109)

a França de Vichy havia internado, junto com refugiados judeus alemães, cerca de 7500 judeus de Baden e do Saarpfalz que Eichmann havia contrabandeado pela fronteira francoalemã no outono de 1940 e que, segundo a informação do pastor Grüber, estavam em condições ainda piores do que os judeus deportados para a Polônia”.

“O pastor Grüber pertencera ao grupo numericamente pequeno e politicamente irrelevante de pessoas que se opuseram a Hitler por princípio, e não por considerações nacionalistas, e cuja posição na questão judaica era inequívoca. Ele prometia ser uma esplêndida testemunha, uma vez que Eichmann havia negociado com ele diversas vezes, e sua mera aparição na corte criou uma espécie de sensação”.¹⁷

<http://www.rheinische-geschichte.lvr.de/persoenlichkeiten/G/Seiten/HeinrichGr%C3%BCber.aspx>

Theodor Horst Grell

Theodor Horst Grell: relatou em 19 de agosto de 1944 ao Ministério das Relações Exteriores que o ministro húngaro do Interior, Andor Jaross, permitiu a evacuação dos judeus de Budapeste em 25 de agosto de 1944. O primeiro transporte com seis trens e um total de 20 mil judeus deve começar em 27 de agosto, seguido de três trens diariamente com um total de 9 mil judeus. A "concentração ocorre exclusivamente pela gendarmeria húngara". Sob pressão estrangeira, no entanto, o regime de Horthy impediu a continuação das deportações. Em outubro de 1944, depois que os alemães apoiaram o golpe de Estado pela Cruz de Seta, eles deveriam ser retomados, o que, no entanto, era apenas parcialmente possível devido à guerra, por Adolf Eichmann organizou a falta de capacidade de transporte da ferrovia em março de cerca de 50 mil judeus no sudeste de Budapeste.

Como parte do julgamento de Eichmann, Grell foi ouvido como testemunha da defesa - o defensor de Eichmann, Robert Servatius - em 14 de junho de 1961 perante o tribunal distrital de Berchtesgaden, porque Grell tinha sua residência ali. Grell descreveu-se naquele momento como um advogado aposentado. Grell também afirmou que o testemunho de 1948 dado nos julgamentos de Nuremberga era falso na medida em que toda culpa foi culpada de oficiais nazistas que estavam mortos ou presumidos mortos na época.

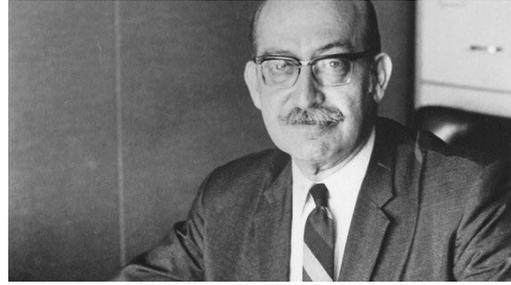
- https://de.wikipedia.org/wiki/Theodor_Horst_Grell
- http://www.nizkor.org/hweb/people/e/eichmann-adolf/transcripts/Testimony-Abroad/Theodor_Horst_Grell-01.html

AGENTES ISRAELENSES

¹⁷ (Pg 146-151)

Avner Less

Avner Less (18 de dezembro de 1916 - 7 de janeiro de 1987) um oficial de polícia israelense de origem alemã, mais conhecido por interrogar o ex - oficial da SS alemão, Adolf Eichmann, depois de ser capturado pelos agentes do Mossad na Argentina e levado a Israel para ser julgado .



Conhecido por ter interrogado o ex - oficial da SS alemão , Adolf Eichmann , que foi capturado pelos agentes do Mossad na Argentina em 1960 e levado a Israel para ser julgado. De 1960 a 1961, Less serviu como interrogador de Eichmann, questionando-o várias vezes, por um total de 275 horas. Extractos do interrogatório de Eichmann por Less foram publicados no livro de 1983 *Eichmann Interrogado*

“O que aconteceu então foi o que ele mesmo chamou de seu primeiro triunfo, do qual temos, mais uma vez, duas versões diversas. Num relato autobiográfico escrito à mão que apresentou em 1939 para conquistar uma promoção na SS, ele afirmou o seguinte: “Trabalhei durante os anos de 1925 e 1927 como vendedor da Companhia Elektrobau austríaca. Deixei essa posição de livre e espontânea vontade porque a Companhia de Óleo a Vácuo de Viena me ofereceu uma representação no Norte da Áustria”. A palavra-chave aqui é “ofereceu”, uma vez que, segundo a história que contou ao capitão Less em Israel, ninguém lhe ofereceu nada”.

Quando o capitão Less pediu sua opinião sobre provas prejudiciais e possivelmente mentirosas fornecidas por um ex-coronel da SS, ele exclamou, repentinamente gaguejante de raiva: “Fico muito surpreso com esse homem ter conseguido ser um Standartenführer da SS, isso me deixa muito surpreso mesmo. É completamente, completamente impensável. Não sei o que dizer”. Ele não disse essas coisas com espírito de desafio, como se quisesse, ainda agora, defender os padrões que nortearam sua vida no passado. As simples palavras “SS”, ou “carreira”, ou “Himmler” (que ele sempre chamou por seu longo título oficial: Reichsführer SS e Chefe da Polícia Alemã, embora de forma alguma o admirasse) detonavam nele um mecanismo que se tornara completamente inalterável. Nem a presença do capitão Less, um judeu da Alemanha e muito pouco propenso a pensar que os membros da SS progrediam na carreira por meio do exercício de alguma alta qualidade moral, conseguia desmontar esse mecanismo. ¹⁸

- <https://www.youtube.com/watch?v=qJzukT0hVjE&t=1523s>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Avner_Less

<http://www.nytimes.com/2010/11/12/movies/12eichmann.html>

Agente da Aliyah Beth

¹⁸ (pg 41 e 61-62)

Agente da Aliyah Beth: Fizeram testemunho de defesa no julgamento de Adolf Eichmann. A frase “Aliyah Bet” descreve o movimento de refugiados judeus, muitos deles sobreviventes do Holocausto , não autorizados a entrar na Palestina pelas autoridades britânicas. Iniciado por ativistas sionistas à medida que a urgência de os judeus deixarem a Europa se intensificou, esse fenômeno foi referido pela imigração britânica como "ilegal". Em 1948, mais de 100 mil pessoas tomaram essa rota, incluindo mais de 70 mil sobreviventes do Holocausto. Eichmann, sendo responsável pela parte da emigração dos judeus compactuou com esse grupo.

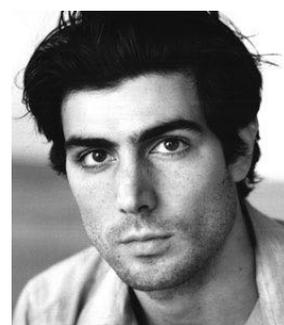


“A ridícula alegação de Eichmann afirmando ter salvo centenas de milhares de vidas de judeus, que foi caçoada na corte, encontra uma estranha sustentação no ponderado juízo dos historiadores judeus, os Kimche: “Assim começou o que deve ter sido um dos episódios mais paradoxais de todo o período do regime nazista: o homem que acabaria fazendo história como um dos arquiassassinos do povo judeu entrou para a história como ativo batalhador pelo resgate de judeus na Europa”¹⁹

- <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005776>

Peter Zvi Malkin

Peter Zvi Malkin nasceu, provavelmente em 27 de maio de 1927, seja na Polônia (de acordo com seu filho, Omer) ou na Palestina britânica (de acordo com o site do Sr. Malkin) um ex-agente de inteligência israelense que, em 1960, conquistou Adolf Eichmann na Argentina e, depois, o capturou repetidamente no papel em sua segunda carreira como pintor e escritor.



Um mestre de disfarces, o Sr. Malkin muitas vezes representava como um pintor itinerante durante missões de coleta de informações. Repellido e fascinado por Eichmann durante o tempo que ele passou guardando ele na Argentina, ele começou a esboçar subrepticamente seu retrato. Eichmann foi mais tarde expulso do país pelo Mossad para ser julgado em Israel; ele foi condenado por crimes contra a humanidade e outras acusações e executado em 1962.

Em 1936, sua família fugiu para a Palestina para escapar da maré crescente do anti-semitismo alemão ; sua irmã, Fruma e seus três filhos que ficaram para trás com outros 150 familiares, morreram no Holocausto . Aos 12 anos, Malkin foi recrutado para a Haganah . Em 1950,

¹⁹ (pag 75)

ele foi convidado a se juntar ao novo serviço de segurança do novo estado judeu como especialista em explosivos. Ele também era especialista em artes marciais e disfarces.

- <http://laonikos13galanis.blogspot.com.br/2016/04/peter-zvi-malkin-israeli-agent-who.html>
- <http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=980CE2D9133DF930A35750C0A9639C8B63>

ESCRITORA:

Hannah Arendt

Hannah Arendt (1906-1975) foi uma filósofa alemã, uma das raras vozes femininas de destaque na filosofia do século XX.

Nasceu no subúrbio de Linden, em Hannover, Alemanha, no dia 14 de outubro de 1906. Quando tinha três anos sua família muda-se para a Prússia. De origem judia, "Johannah Arendt", foi uma menina precoce. Tinha sete anos quando o pai morreu, mesmo assim procurou consolar a mãe: "Pense – isso acontece com muitas mulheres", disse ela para espanto da viúva. Com 14 anos leu a obra de Kant, *Crítica da Razão Pura*.



Foi nos Estados Unidos que ela escreveu duas obras importantes para aquele que quer compreender o que foi o século XX, no plano filosófico e político: "Origem do Totalitarismo" (1951) e "Eichmann em Jerusalém" (1963). Na primeira, dividida em "Antissemitismo", "Imperialismo" e "Totalitarismo", ela procura analisar de que modo se forjou na Europa uma verdadeira máquina de destruição, capaz de levar ao horror do holocausto. Na segunda, que nasceu de uma série de artigos publicados na revista *The New Yorker*, Hannah trata da "banalização do mal", a partir do julgamento de um nazista.

Em 1963 Hannah Arendt passa a lecionar na Universidade de Chicago, onde permanece até 1967. Nesse mesmo ano, muda-se para Nova Iorque, onde é contratada pela *New School for Social Research*, onde permaneceu até 1975. Sua última obra – "A Vida do Espírito", só foi publicada após sua morte.

"Fiz a cobertura do processo de Eichmann em Jerusalém, em 1961, para a revista *The New Yorker*, na qual este relato foi publicado, ligeiramente abreviado, nos meses de fevereiro e março de 1963.[...]O registro factual desse período ainda não foi estabelecido em detalhes, e certas questões baseadas em suposições jamais poderão apoiar-se em informações inteiramente confiáveis. Por exemplo, o total de judeus vítimas da Solução Final é uma suposição — entre 4 milhões e meio e 6 milhões — jamais comprovada, e o mesmo se aplica aos totais de cada um dos países envolvidos. Alguns dados novos vieram à luz desde a publicação deste livro, principalmente na Holanda, mas nenhum deles teve importância para o evento como um todo. Quase todos os acréscimos são de natureza técnica, esclarecendo um ponto específico, introduzindo fatos novos ou, em alguns casos, citações de outras fontes. Essas novas fontes foram acrescentadas à bibliografia e são discutidas no pós-escrito, que trata da controvérsia despertada pela publicação original. Além do pós-escrito, os acréscimos não técnicos referem-se à conspiração alemã anti-Hitler de 20 de julho de 1944, que na versão original eu só mencionara incidentalmente. O caráter do livro como um todo permanece inalterado."

"Apesar de todos os esforços da promotoria, todo mundo percebia que esse homem não era um 'monstro', mas era difícil não desconfiar que fosse um palhaço".

"É verdade que o contar histórias revela o sentido sem cometer o erro de defini-lo, realiza o acordo e a reconciliação com as coisas tais como realmente são".
Hannah Arendt

- https://www.ebiografia.com/hannah_arendt/
- http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?rcon_id=57
- <https://www.youtube.com/watch?v=s44XqBj12Oc>

Indicação para leitura e para filme

Livro: Eichmann em Jerusalém - Um relato sobre a banalidade do mal- Hannah Arendt
uma versão:

- <http://minhateca.com.br/leopaiva3112/Hist%C3%B3ria/ARENDT%2c+Hannah.+Eichmann+em+Jerusal%C3%A9m,156194198.pdf>

Filme: Solução final